

Mecânico conta nova versão sobre prêmio

O mecânico João Bosco Rego Pamplona recuou e apresentou ontem aos parlamentares da CPI do Orçamento uma nova versão sobre o bilhete premiado do sorteio 252 da Sena de janeiro deste ano que teria sido vendido a um empresário brasiliense e poderia desvendar o esquema de lavagem de dinheiro da corrupção. Anteontem, ele havia confirmado à CPI que tinha vendido o bilhete depois de saber que era premiado. Ontem Pamplona voltou atrás e confessou que fez apenas uma tentativa de passar o conto do vigário: repetiu a aposta vencedora do sorteio 252 no seguinte, o 253, para vender o novo bilhete como se fosse premiado. Para o deputado Giovani Queiroz (PDT-MA), que ouviu os dois depoimentos, o objetivo do mecânico era extorquir a máfia da lavagem de dinheiro nas loterias. Pamplona foi encaminhado hoje para a Polícia Federal.

Embora acreditem que o depoimento não será útil à CPI, os parlamentares que ouviram Pamplona estão convictos de que a PF poderá descobrir com a sua versão indícios da atuação da máfia da loteria. O mecânico relatou que tentou vender o bilhete do sorteio 253 como se tivesse sido premiado para um integrante do esquema das loterias. Ele deu aos parlamentares a descrição do comprador de bilhetes, alto e de óculos de grau, e deu parte da placa do Monza cor de mel — com o número 93 no final — usado durante as negociações. Convencida de que Pamplona mentiu, a comissão também vai quebrar seu sigilo telefônico para confirmar se ele recebeu ameaças de morte e de quem elas partiram.

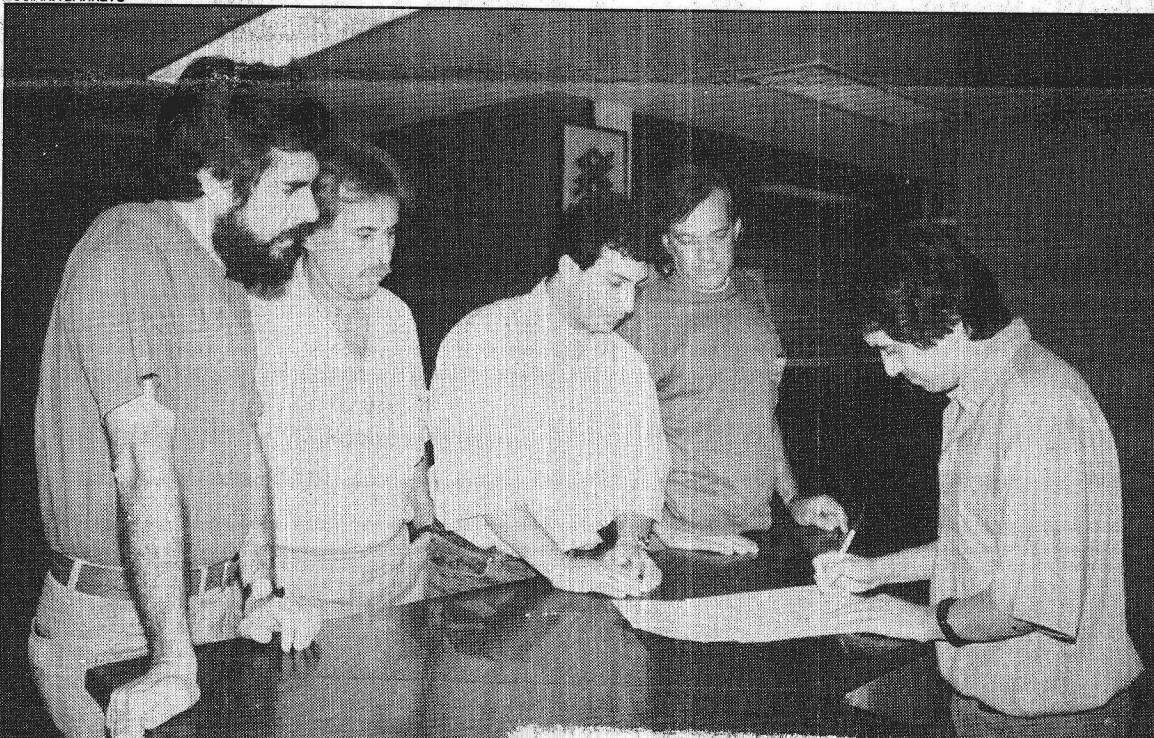
Depoimento — Encontrado anteontem na chácara de sua irmã Selma, em Barreiras, no interior da Bahia, Pamplona confirmou em depoimento colhido pelos deputados Robson Tuma (PL-SP), Augusto Carvalho (PPS-DF) e Giovani Queiroz que havia vendido o bilhete que dava direito a um prêmio de 820 mil dólares, por um milhão de dólares. O pagamento seria feito em cinco parcelas de 200 mil dólares e ele teria um cheque de um empresário de Brasília como garantia. O mecânico disse que já estaria com 800 mil dólares e tinha ainda a cópia dos cheques, mas negou-se a apresentar as provas.

Com os resultados do primeiro depoimento, os parlamentares resolveram trazê-lo para Brasília. Ontem, ele contou uma nova história. Disse que repetiu a aposta do bilhete ganhador do concurso

ERALDO PERES



LUCIANA BARRETO



Depois de contar nova versão sobre o prêmio 252 da Sena, João Bosco Pamplona, que disse ter ampliado o “conto-vigário” na máfia do Orçamento, foi para a Polícia Federal. Ele reafirmou que passou a receber ameaças de morte. O fato será investigado pela PF, que lhe dará proteção

252 no 253, chamou seus amigos para comemorar e comunicou a imprensa. Pamplona teria sido procurado, então, por um integrante da máfia das loterias, que teria se oferecido para comprar o bilhete. O mecânico disse que chegou a ver os 200 mil dólares da primeira prestação numa pasta que lhe seria entregue. Mas o comprador recuou ao descobrir que Pamplona estava tentando emplacar “um conto do padre”, explicou o senador Francisco Rollemburg (PFL-SE). “Ele contou duas histórias estapafúrdias”, disse o parlamentar.

Ao ouvir a nova versão do mecânico, o deputado Augusto Carvalho admitiu que o relatório da Caixa Econômica Federal que indicou o empresário Clécio Marques de Siqueira como legítimo ganhador do prêmio 252 está correto. Carvalho também desistiu de impugnar o documento, como havia anunciado na última sexta-feira.